



Carlos Henrique de Castro Assis
O FOLE RONCOU

Inspirado pelo álbum homônimo de **LUIZ GONZAGA**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

O FOLE RONCOU

CARLOS ASSIS

uma história inspirada por

O FOLE RONCOU

LUIZ GONZAGA

SÃO PAULO, MAIO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY CARLOS ASSIS
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

O FOLE RONCOU

CARLOS ASSIS

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



O FOLE RONCOU

LUIZ GONZAGA

LANÇAMENTO: **1973**
SELO: **ODEON**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Só xote
2. Frei Damião
3. O fole roncou
4. Tei tei arraiá
5. A mulher do meu patrão
6. Cantarino
7. Daquele jeito
8. Cidadão de Caruaru
9. Sangue nordestino
10. Fogo pagou
11. Retrato de um forró
12. Baião de São Sebastião



O FOLE RONCOU

CARLOS ASSIS

PRELÚDIO

Manuel, o velho Manu, apesar da idade, tinha o couro esticado. Com setenta e tantos anos ainda derrubava boi indolente agarrado aos chifres do bicho. Criou treze filhos: sete da primeira falecida, seis da última defunta. O facão, pegado à cintura, era carregado pra cima e pra baixo. Já empunhara a espada pra muito valente de terreiro. Antes de morrer, praticava os golpes nas pequenas abóboras que abria pra complementar a refeição das vacas paridas. Segundo os parentes, morreu das tripas e, no dia seguinte ao do enterro, sepultou a paz entre os filhos.

Enquanto velavam o morto, Nazaré, a velha, disse às mulheres:

— Antes de o velho Manu esfriar, as coisas daqui, dos vivos, esquentam.

Em seguida, tratou de lançar o xale preto sobre a cabeça branca, dando à sua fala um ar profético. As rezadeiras fizeram o sinal da cruz e recomeçaram a reza.

Três dias após o enterro do velho, a pequena cidade se alvoroçou com uma D20 que percorria as ruas de paralelepípedo, seguida por uma dúzia de crianças descalças, acostumadas a ouvir apenas o casco dos animais que puxavam as carroças. Tratava-se de Raimundinho, filho mais novo de Manu, acompanhado

de Zezé, seu único filho, advogado da Capital. Assim que a caminhonete passou em frente à casa de Chico Manco, o homem foi obrigado a falar.

— Vixe, trouxe o dotôzinho! Vai pedi as terra da lagoa.

Em seguida, o coxo tratou de entrar e comunicar o fato à Maria Doida, sua esposa. Com a enorme barriga pregada à pia, a mulher largou o prato sem responder uma palavra e ganhou a rua. Em pouco tempo a cidade tomou conhecimento dos fatos.

— O negócio, Joaquim, é que Zezé é neto, advogado, e vai cuidar das coisas pra mim.

— Vamos reunir os irmãos, Raimundinho. A irmandade tem que tá de acordo.

O caso é o seguinte. Joaquim e os outros seis irmãos do primeiro casamento do falecido herdaram as terras da lagoa, a única propriedade da região que tem água o ano todo. Esse pedaço de terra entrou para os bens do velho Manu, por herança de Julieta, sua primeira esposa. O Lapadão, propriedade herdada por Raimundinho e os filhos do segundo casamento, era seco feito carcaça de bicho morto e não prestava para o homem ampliar a produção de caju.

os coitados oferecendo emprego nas terras da lagoa. Se essas fossem dele, ele seria “o único capaz de transformar aquilo em uma mina de ouro pra todos”. O doutorzinho ficou calado. Só tinha olhos para as grossas coxas de Juventina, mulher de seu tio Ramiro, o Bode Branco, como era chamado. Juventina perdeu os pais muito cedo, por isso se casou nova. Era isso ou morrer de fome.

Com exceção de Bode Branco, os irmãos acharam boa a proposta de Raimundinho. Afinal, terra nesses cantos todo mundo tinha, mas emprego e dinheiro era coisa rara. Enquanto todos tagarelavam sonhando serem “sócios” no negócio do caju, o Bode baliu.

— Cêis são muito burros. Esse putto quer ficar rico a nossas custas — enfiou o chapéu de couro na cabeça e saiu.

O irmão ofendido usou seus argumentos de homem polido da Capital, dizendo que Ramiro era xucro feito burro velho e isso era motivo mais que suficiente para eles não lhe darem ouvidos.

Na bodega, Bode Branco encontrou o amigo Pé-de-Foice e contou o sucedido. Os valentões, já bêbados, só faltaram encomendar a alma de Raimundinho se esse conseguisse êxito em seus planos.

Juventina, apesar de nova, só aparentava ser boba, mas na verdade notara o olhar sem-vergonha do doutorzinho. Saiu da reunião imaginando o jovem levantando seu vestidinho surrado e levando-a para Capital, onde se veria livre de Ramiro e suas bebedeiras.

Completo-se uma quinzena desde a missa de sete dias. A morte do velho Manu não era mais assunto na pequena cidade. Todos estavam ocupados com os preparativos da vaquejada prevista para a semana seguinte.

O doutor e seu pai já não eram mais olhados com desconfiança pelas ruas. Pelo contrário! Ganharam simpatizantes entre aqueles que dividiam com eles as mesas dos dois bares em frente ao coreto, principalmente quando as despesas ficavam por conta dos dois. Só não eram aceitos na afastada bodega onde bebia Bode Branco. Ali, o briguento era temido e sua opinião era a de todos.

O doutorzinho recebia com freqüência o olhar das moças da cidade, mas nenhuma lhe causou o impacto da tia. As más línguas até arriscaram dizer que ele se embrenhou com algumas delas nos milharais da família, mas tudo não passou de assunto para os dias enfadonhos de mulheres como Maria Doida. A verdade era que Juventina transformou-se em objeto de desejo para o advogado.

Num fim de tarde, Zezé voltava de uma visita ao cartório da cidade e avistou sua musa saindo da venda de Margarida. Fingindo ser um sobrinho bondoso, foi ajudá-la com a sacola. Mesmo sabendo que andar em companhia do sobrinho era natural, Juventina corou. Sabia das intenções do doutorzinho e das suas. A

conversa correu normalmente, mas, assim que saiu da vista dos curiosos, Zezé se encorajou e falou antes de se despedir da tia:

— Fico sem jeito de chamá-la de tia, é tão jovem quanto eu.

Temia ser repreendido por ela. Porém, para seu espanto, a resposta foi outra.

— Me chame de Juventina diante do povo. Perto de seu tio, faça o que é certo.

Na hora de entregar a sacola, acariciou o antebraço da moça. Sentiu a quentura da jovem tomar conta do seu corpo e foi embora entendendo exatamente o que significava cada palavra dela.

A vaquejada era o principal festejo da cidade. Além da derrubada do boi, a festa encerrava-se com a prova das argolas, que é cumprida quando o cavaleiro em alta velocidade escolhe uma das três pequenas argolas presas a uma trave e, com uma lança, arranca-a de lá. Vence aquele que executar a tarefa em menor tempo. Bode Branco era o favorito desse ano e vencedor das três últimas edições.

Esse ano, na derrubada do boi, o vencedor foi Pé-de-Foice, que comemorava sozinho; seu amigo preparava-se para as argolas. A multidão cercava o campo onde já se via montado Bode Branco. O homem parecia hipnotizado, não dirigia o olhar para nenhuma direção, via apenas as argolas. O corcel que montava, acostumado à prova, encontrava-se inquieto. Sabia do esforço que seria obrigado

a fazer. Um observador atento era capaz de notar a musculatura rija da anca do animal, que aguardava impaciente o disparo para dar início a uma corrida desenfreada em direção à trave. De repente o som abafado da concertina parou. O velho sanfoneiro caolho acomodou as costas na cadeira, livrou os ombros da correia que o prendia ao instrumento e colocou-o sobre as coxas, tirou o chapéu de couro, coçou a cabeça e aguardou o início do espetáculo. Bode Branco, já de lança em punho, encurvou-se sobre a cernelha do animal, firmou a outra mão na rédea – aguardava o disparo. Entre a multidão, Zezé olhou a silhueta de Juventina. Era possível ver nitidamente suas curvas, já que o vestido de tecido fino, diante da luz do sol que se punha, revelava a cintura que ia se alargando até os quadris. O vento pregou o tecido nas nádegas da menina-mulher, marcou o corpo que o advogado sonhava ver com as mãos. O doutorzinho sentiu aquele mesmo calor do dia em que tocou seu braço, mas percebeu ele se transformar em frio quando viu o tio vestido com o gibão. O cavaleiro causou-lhe tanto medo que tremeu. Voltou para a realidade dos fatos quando o prefeito levantou a garrucha e deu o disparo. Nesse instante, o bucho do cavalo foi golpeado. O povo gritava. O ar quente, parado, era cortado pela besta ensandecida que registrava o galope na terra seca, enquanto a lança era posicionada acima da cabeça do cavaleiro. Homem e cavalo pareciam um bicho só. Com o braço firme, Bode Branco trocou um olhar rápido com a trave; milésimos de segundos se passaram e ele escolheu a do meio. A lança, certa, ocupou o vazio da argola que acabara de abandonar as outras duas. Fez uma força tremenda para frear o cavalo, trouxe a rédea para junto de si, o animal encostou a mandíbula no peito e freou. Com a anca arqueada, deslizou meio metro e parou. Com o cronômetro

na mão, o prefeito anunciou o novo campeão. O povo comemorava e o Caolho tratou de voltar a tocar.

— Faço questão Seu Prefeito! Meu irmão ganhou, é justo que eu arque com as despesas da comemoração.

O prefeito que não era bobo aceitou de imediato.

— Se é do seu gosto, combinado!

— Só me faça um favor Seu Prefeito, disse com um sorriso no rosto. — Peça a uma meia-dúzia de moleques pra avisarem que o Raimundinho convida todos os moradores pra comemorarem a vitória de Bode Branco lá na serra, no terreiro de Zé Buraco.

Em pouco tempo a notícia correu. O plano de Raimundinho era claro. Queria se mostrar vítima da desconfiança do irmão, colocando toda a cidade a seu favor na disputa das terras. O povo não ousou questionar o que pretendia o patrono da festa. Por isso que todos foram convidados, sem exceção. O único que não tomou conhecimento da comemoração foi Bode Branco e a corja que bebia com ele na bodega afastada.

O frescor da noite chegou no sertão acompanhado do aroma doce de perfume barato que as raparigas borrifaram no cangote. Era dia de festa, motivo

mais do que suficiente para as moças ficarem ouriçadas e os pais preocupados. A cidade começou a tomar ares de lugarejo abandonado, a cabroeira toda subiu a ladeira que dava na serra, todo mundo queria chegar na hora em que o fole do Caolho começasse a roncar.

Zé Buraco vivia sozinho na serra. No passado o homem já dividira a casa de taipa com uma mulher, mas foi abandonado quando uma trupe passou pela cidade e a safada se enroscou com um artista. Hoje caça tatu e onça, atividade que ainda não deixou o infeliz enlouquecer. Também ganha uns trocados quando escolhem o terreiro em frente à sua casa para raras festas de casamento.

— Seu Raimundinho, bora começá?

— Calma Zé Buraco, você quer pedir pro homem tocar pras corujas?

— Olha os lampião lá embaixo, seu moço. O povo tá tratano de subi.

Raimundinho deu as costas pra Zé Buraco e pediu pro Caolho começar. O sanfoneiro, que acendia um cigarro de palha no candeeiro que iluminava o terreiro, tratou de dar duas tragadas rápidas, apagar o cigarro no chão e guardá-lo no bolso da calça. Cuspiu na palma da mão e esfregou uma na outra. Mas no caminho até a casa onde estava o instrumento, parou diante de uma mesa rústica de madeira, olhou para Raimundinho e fez um sinal pedindo autorização para se servir da cachaça. Esse riu e lhe disse:

— Bebe, homem! Se não vai passar a noite olhando pra garrafa e não vai se lembrar de tocar.

Bode Branco e Pé-de-Foice pediram para o dono da bodega anotar a garrafa que beberam. Não comeram nada desde o fim da vaquejada. Bode Branco convidou o amigo para jantar em casa. Montaram nos cavalos e foram para a cidade.

A procissão chegou até o terreiro. Zezé, que estava dentro da casa de Zé Buraco, ao notar a movimentação, tratou de ajeitar a camisa e sair. A primeira coisa que fez foi olhar entre os casais que, em fila, cumprimentavam seu pai, se seu tio Ramiro e Juventina estavam lá. Não viu nenhum dos dois. Ficou feliz em não ver o tio e triste em não encontrar a tia. Não podia perguntar por ela, temia que as linguarudas desconfiassem de tamanho interesse. Pensou em receber os convidados com seu pai, mas antes de colocar-se ao seu lado, avistou Juventina subindo ao lado de Margarida Florisbela, a dona da venda.

— Não se preocupe com Ramiro, amiga. Aproveite a festa!

— Só você pra me convencer a vir, Margarida! O homem vai ficar uma fera quando descobrir que eu não estou em casa e, pior, que vim pra festa dada pelo irmão que ele tanto odeia.

— Ora, deixa disso... Fala pra ele que era surpresa. Bora cumprimentar seu cunhado e comer alguma coisa!

— Cadê todo mundo, Pé-de-Foice?

— Tá estranho isso aqui, Ramiro.

Bode Branco acelerou o galope, mas no caminho de casa parou diante de Dona Nazaré que tricotava, sentada em uma cadeira na calçada.

Bêbado e irritado, perguntou à velha.

— Cadê todo mundo, mulher?

Sem tirar o olho das agulhas, Nazaré respondeu:

— Tão comemorando sua vitória, Ramiro.

Os três ficaram em silêncio e foi possível ouvir o som distante da festa.

Ramiro deduziu de onde vinha.

— Estão na serra, né?

A velha Nazaré só afirmou com a cabeça e continuou a tricotar.

— Se Juventina não tiver em casa...

Os dois cavaleiros continuaram o galope. Nazaré olhou para os dois de soslaio, viu só um vulto na escuridão da noite sem lua. Ajeitou os óculos e não se espantou com o que estava por acontecer. Sabia desde o dia da morte do velho Manu. A bruxa tratou de recolher o novelo, a cadeira e foi ter com o marido.

Raimundinho, num dado momento, pediu ao sanfoneiro que parasse de tocar. Subiu em uma larga cadeira de madeira e disse aos presentes:

— Gostaria de dizer que estou muito feliz com a presença de todos vocês!

16 Espero que se divirtam e que não falte nada. Meu irmão deve estar muito

cansado, por isso não compareceu. Tenho a certeza de que está feliz, ainda mais por saber que eu não tenho rancor nenhum por qualquer desavença que tivemos no passado. Pelo contrário, fico até contente em ter a oportunidade de provar para ele, com essa festa, de que tenho muito apreço pela pessoa dele. Torço para que tudo dê certo entre os negócios da família aqui na região. Todo mundo só tem a ganhar com isso.

Logo que terminou, foi ovacionado pela multidão que, em seguida, cochichava ressaltando a bondade e a grandeza de homem que mal conheciam, mas que patrocinava festas e pagava as bebedeiras locais.

Enquanto a multidão ocupava-se com as palavras de Raimundinho, Juventina, com vergonha pela ausência do marido, afastou-se para perto da casa. Sem a companhia das outras moças, sua beleza ficou toda à mostra e, claro, foi percebida imediatamente pelo doutorzinho, que tratou de se aproximar, deixando para trás a escuridão da casa.

— Meu Deus, Juventina! Apesar da minha posição na Capital, invejo meu tio pela sua mulher.

Juventina, de costas para a porta de entrada, tomou um susto com as palavras pronunciadas atrás dela.

— Zezé, quase me mata de susto!

— E você me mata de desejo! Juro que hoje danço com você, mesmo que seja na frente da cidade toda, mas não durmo sem ter o seu cheiro impregnado em mim.

O jovem, encorajado pela cachaça e seduzido pelo cheiro viçoso da jovem beldade, esqueceu que tratava com mulher casada e de sua família. A pobre,

também quente de desejo, mas temerosa em ser vista sozinha com o sobrinho, olhava para os lados, imaginando o aparecimento do marido. Antes que se afastasse, o jovem puxou-a pelo braço e na escuridão da sala apertou-a contra o seu corpo. Com as duas mãos na sua cintura, disse-lhe ao pé do ouvido:

— Vamos embora dessa cidade, Juventina?

Antes de ouvir qualquer resposta, beijou a mulher assustada.

O Caolho, sem ser notado, assistiu tudo de longe e, quando percebeu que a multidão espalhava-se depois do discurso, tratou de tocar para que o forró ocupasse o povo disperso.

Juventina mordeu o lábio inferior do sobrinho e se desvencilhou dele.

— Está louco? Isso é caso pra se pensar, homem, disse ela assustada ao deixar a sala.

Claro que a moça tinha a resposta pronta, mas não podia animar o menino já descontrolado pela vontade de tê-la a sós.

Bode Branco de longe avistou a casa toda apagada. Quando se aproximou, foi recebido por dois cachorros magros que faziam festa ao seu redor. Olhou para Pé-de-Foice e pronunciou uma única palavra: “vadia”. Desceu do cavalo e, trôpego, entrou na casa. Em menos de um minuto estava de volta, mas trazia com ele uma carabina. Com o olhar fixo na direção da serra, montou, esporou o cavalo e seguiu acompanhado pelo amigo e pelos dois cachorros.

Um baião bonito, desses que encorajam até defunto a dançar, começou. O terreiro, de tão cheio que estava, obrigava os casais a encurtarem os passos. As luzes fracas dos dois candeeiros não venciam a penumbra da noite de lua nova. Dois casais mais animados, um em cada ponto do salão a céu aberto, alargaram as passadas e, parecendo obra do destino, esbarraram nas luminárias que tombaram e se apagaram. Ouvia-se um grito de alegria entre os presentes. Uns aproveitaram a escuridão para colocar a mão onde suas parceiras, na claridade, não permitiriam jamais; os que não bebiam na frente das esposas entornaram os copos cheios que estavam sobre as mesas; dois cabras efeminados deram as mãos; e o advogado com o juízo revirado pela concertina cumpriu o prometido: tirou Juventina para dançar e baixou a mão até a linha que separa um sobrinho de um homem safado.

Antes que alguém se ocupasse em acender os candeeiros, a magia foi quebrada por um estampido que não era de rojão. Bode Branco, montado em seu corcel, abriu espaço no terreiro. Com a carabina na mão procurava a mulher, que, para seu espanto, encontrava-se abraçada com o sobrinho.

— Vadia! Além de vir comer às custas de gente que não é do meu agrado, se enrosca com bezerro cheirando a leite. Eu vou continuar a festa amanhã, bebendo no enterro dos dois.

Quando acabou de descer do cavalo, antes que pudesse apontar a espingarda para os dois, recebeu um soco certo do sobrinho, cambaleou e caiu sentado.

O povo gritava. Os mais assustados trataram de descer a serra; os curiosos, como Maria Doida, entraram nas casas e assistiram tudo da janela.

— Juventina vai embora comigo pra Capital e você vai continuar aqui, bebendo como o bode que é! – disse o advogado encorajado pelo amor que sentia pela tia e acabara de descobrir.

— Ora, seu... — disse Bode Branco, que se levantava.

Quando Zezé ameaçou chutar o tio, Pé-de-Foice aproximou-se por trás dele com uma faca na mão. Mesmo com o povo gritando e tentando avisar o rapaz, no nervosismo em que se encontrava não percebeu o perigo. Estava prestes a sofrer o golpe quando o Caolho deu um disparo que abriu um buraco nas costas de Pé-de-Foice. O bêbado caiu inerte. O povo e Zezé se voltaram para o Caolho, que carregava a garrucha para um novo disparo. Faltou agilidade para o pobre do homem que não sabia manejar a arma com a mesma habilidade que fazia com a concertina. Bode Branco clareou o terreiro com um novo disparo. O povo fechou os olhos, e quando os abriram, viram Zezé e Juventina montados no cavalo de Pé-de-Foice, descendo em direção à cidade. Caolho encontrava-se no chão com uma mancha de sangue no peito que aumentava de tamanho; Bode Branco tinha a faca, a pouco empunhada pelo amigo, enterrada no pescoço.

EPÍLOGO

Assim como aconteceu com a morte do velho Manú, passado um mês do acontecido, o assunto foi esquecido e substituído: Margarida Florisbela embuchou sem ser casada. Antes disso, Maria Doida teimou em defender a tese de que o Caolho só se intrometeu na disputa pela jovem Juventina porque tinha um caso com a rapariga. A verdade é que o Caolho ficara cego de um olho por obra do irmão mais velho de Pé-de-Foice, quando ainda moravam em uma cidade distante do lugarejo onde se passa a nossa história. O sanfoneiro, quando jovem, tentou vingar a morte de seu irmão, morto por Januário, irmão de Pé-de-Foice, em uma briga de bar. O assassino furou seu olho e disse que não furaria os dois para ele continuar a ver o estrago no espelho e pensar duas vezes antes de se meter a besta com cabra valente. O menino cresceu, mas não encontrou mais o safado que, jurado de morte, se mudou para nunca mais ser visto por ninguém. Por isso, achou que acabar com Pé-de-Foice naquela noite, no terreiro de Zé Buraco, era uma boa oportunidade para deixar em paz a alma atormentada do mano e por fim nessa aguardada vingança. Foi por desconhecer esse fato que o povo não entendeu o sorriso estampado na cara feia do homem morto que não tinha o olho esquerdo.

Raimundinho tratou de ir embora da cidade no dia seguinte, jurando voltar acompanhado de gente importante que cuidaria do caso. Só não voltou como também deixou de lado as terras da lagoa. Dizem que é avô e o neto é filho de

sua ex-cunhada com Zezé, mas ninguém tem certeza do fato. Maria Doida dizia que, assim como Juventina fez com Ramiro, fez com Zezé; ou seja, arrumou outro homem na Capital, mas isso é assunto inventado pra preencher os dias enfadonhos de mulheres como Maria Doida.

Nazaré continuou a tricotar. Os mais velhos dizem que ela tece destinos; os mais jovens, e sem respeito, chamam a mulher de bruxa. Ambos estão certos.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br